

Editorial

Ousar viver é não ter medo de envelhecer

Comemoramos 10 anos de debates sobre o envelhecimento!

Com certeza, o envelhecimento é um grande desafio para a humanidade e a gerontologia, de certa forma, ajuda-nos a compreender o percurso da vida. Foi ela que introduziu a questão do tempo, pois só na velhice o tempo adquire sua verdadeira expressão. Como projetar o tempo que resta? As sociedades atuais orientam-se apenas para o futuro, dando pouca importância para o passado. Por isso os velhos – que expressam o passado – são desvalorizados. A sociedade precisa integrar nessa projeção o passado. E isso tem a ver com a caminhada da humanidade. Compreender a história é fundamental. Não se trata da usura da vida em si, mas a forma como estamos habilitados é que faz a diferença para enfrentarmos os problemas, diz a estudiosa portuguesa Maria de Lourdes Quaresma.

Nesta década, observamos uma ação maior no assistencialismo, mas também vimos que ele não promove os laços sociais nem a reciprocidade. Pelo contrário, pode promover o preconceito e a segregação. Os protagonistas do envelhecer – os mais interessados e que podem dar mais informação sobre o envelhecer – ainda estão ausentes das políticas públicas. O certo é que, apesar de muitos estudos, pouco se sabe sobre o envelhecimento.

Destaca-se a necessidade de aprofundar os conhecimentos a respeito da situação da Gerontologia no Brasil e promover o estabelecimento de metas para superar os desafios futuros. A importante missão que foi a ressignificação da velhice trabalhada nesta década precisa colocar em evidência a concepção do envelhecimento e da velhice como fase de vida, permitindo à pessoa idosa uma participação ativa na sociedade e o exercício cotidiano de sua cidadania.

O alongamento do tempo de existência que experienciamos pela primeira vez na história da humanidade tem um grande peso na gestão política dos países. Por um lado, porque as pessoas com mais de 60 anos são uma reserva pouco reconhecida e pouco mobilizada, mas que começa a ser sentida como capital social e humano importante, embora envolva uma situação de riscos para o indivíduo e para a sociedade. E, por outro lado, começamos a presenciar também o envelhecimento do envelhecimento em um contexto de disparidades sociais e desenvolvimento tecnológico.

Vale lembrar aqui o que a estudiosa francesa do envelhecimento Henriette Gardent vem dizendo:

[...] quer se trate do processo de envelhecimento ou das consequências do avanço em idade sobre a situação das pessoas (estado de saúde, implicações psicológicas, papel e lugar na sociedade) encontramos-nos ante fenômenos complexos e multifatoriais, *combinações* de interações entre o *dado pessoal* e o ambiente exterior, entre os fatores individuais e coletivos.

Mas algo deve ser dito: nesses 10 anos já não é tão estranho falar de envelhecimento. Aliás, com alguma frequência já se ouve, em diversos meios, que o envelhecimento está na moda. Observamos que, nestes últimos anos, há grande preocupação em relação a tudo que diz respeito à pessoa idosa. Mas, talvez, essa não seja a expressão mais correta (ou será) para designar uma realidade cada vez mais vista nas ruas, nas famílias, nas igrejas, nos parques, nos aeroportos, nos hospitais... Preferimos dizer que o envelhecimento está em “alta” porque demanda novas posições sobre a vida e a morte; políticas públicas e privadas em

relação a equipamentos urbanos, moradias, saúde e lazer; novos nichos de mercado/consumo; trabalho; profissionais; cuidados, redes de apoio, enfim, demanda uma grande questão: o que fazemos hoje para mudar nossa concepção de velhice do amanhã quando seremos, sim, a maior parte da população mundial?

Na tentativa de responder em parte a essa questão, o artigo “Apontamentos para uma ética do envelhecimento” problematiza os discursos e as relações de poder na sociedade atual na produção do sujeito velho, assinalando que o que caracteriza a época atual é a articulação de uma cultura de desvalorização da velhice associada a tecnologias de poder de intervenção e controle sobre o corpo dos velhos. Ao profetizar que saúde a qualquer custo significa eliminar os riscos de envelhecer e de morrer, o artigo chama a atenção do leitor indicando que o idoso se torna em nossa sociedade um grupo de risco. Por isso propõe pensar o envelhecimento como uma escolha ética ligada a uma estética da existência e de uma grande saúde como uma dimensão da vida que não exclui a morte e a doença.

O que vem bem a calhar, porque os meios de comunicação social fazem chegar até nós múltiplas ações educativas/formativas, sociais e políticas relativas às pessoas idosas, provocando uma angústia da sociedade ante o envelhecimento da população e, conseqüentemente, em relação ao seu cuidar. O artigo “Cuidar de pessoas idosas: as práticas de cuidados de enfermagem como experiências formadoras” reflete sobre as experiências de enfermeiros com idosos visando à compreensão de como eles se formam, na sua prática profissional, para cuidar de pessoas idosas. Segundo seu autor, os enfermeiros encaram a formação como um processo que se prolonga ao longo da vida, no qual cada um vai adquirindo, descobrindo e desenvolvendo novas capacidades e reconhecendo a importância da formação adquirida em contexto de trabalho com pessoas idosas.

Que formação será essa? Serão os idosos – com maior tempo de experiência da vida – os grandes mestres, como já assinalava a poeta Cora Coralina? Ou eles também devem aprender com a vida extraindo dela uma ética do envelhecimento? Se for assim, como anda

a formação daqueles que pela primeira vez experimentam vivenciar esses anos a mais?

Como aspectos ligados à moral e à ética poderiam ajudar a mudar o ponto de vista da sociedade a respeito das pessoas? Essa é a pergunta-guia do artigo “Os aspectos éticos que envolvem a educação na terceira idade”, o qual mostra a necessidade de desenvolver um caminho na educação para melhorar a vida das pessoas idosas. Como sugere seu autor, durante muitos anos, a educação de idosos foi considerada desnecessária em nossa sociedade, pois somente crianças e jovens adultos tinham o direito a esse privilégio em nossas escolas. Nas palavras do autor, somente nos últimos anos, com o aumento da expectativa de vida, a sociedade começou a pensar e criar condições para um envelhecimento intelectualmente saudável por meio da educação continuada.

Conhecimentos sobre o convívio intergeracional desenvolvidos nas instituições de ensino superior são educacionalmente relevantes e contribuem para a teoria e modificam as relações entre as diferentes coortes etárias. É o que trata o artigo “A convivência com pessoas idosas em instituições de ensino superior: a percepção de alunos da graduação e funcionários”. O estudo, realizado com alunos de graduação e funcionários de três instituições envolvidos em programas para os mais velhos, teve como objetivo verificar aspectos da natureza do convívio com os idosos e os benefícios associados e possíveis modificações na percepção sobre os idosos/velhice/processo de envelhecimento. Segundo seus autores, as análises revelam que a principal área de origem dos universitários é a das ciências da saúde/cuidado; os funcionários exercem atividades que os colocam em contato sistemático com os idosos e por maior tempo em relação aos graduandos, e as universidades abertas à terceira idade destacam-se como principal local para esse contato. Os autores sugerem que, em relação aos benefícios pessoais, se destaca aprender dos mais velhos, relatado pelos funcionários, e relação intergeracional, indicado pelos alunos. Aspectos da imagem social e do relacionamento social/físico/psicológico foram as mudanças na percepção mais apontadas pelos sujeitos.

Será que os meios de comunicação estão atentos ao fenômeno de mudança social em todos os países? A Espanha, até 2050, será o país mais idoso do mundo. Lá, a indústria já está se adaptando para atender a esse enorme mercado. O artigo “A visibilidade do idoso nos meios de comunicação. Estudo de caso: jornais *El País* e *ABC* – 2007” analisa o modo como dois grandes jornais espanhóis tratam o noticiário sobre a pessoa idosa. Também analisa o papel social do jornalismo e o compromisso ético da profissão e discute se o estudo do jornalismo ambiental, na universidade, poderia contribuir com uma formação mais integrada dos futuros jornalistas, sensibilizando-os, inclusive, para esse aspecto da ecologia humana que é o envelhecimento da população.

No México, as transformações vividas pelas famílias no século XX não foram muito distintas das demais regiões do continente. O artigo “Dinámica familiar, envejecimiento y deterioro funcional en México” mostra como algumas dinâmicas internas foram se apresentando com o aumento da expectativa de vida individual e, com ele, as limitações funcionais nos membros mais velhos. Reflete sobre as mudanças sociais e demográficas nas famílias, as estratégias de apoio e cuidado para com as pessoas idosas enfermas e com limitações funcionais. As autoras reconhecem que, embora haja esforços das instituições de saúde e dos arranjos familiares para atender essa situação, há muita debilidade dos sistemas de proteção social quanto a cuidados e apoios aos idosos com incapacidade funcional. O artigo apresenta alguns desafios e áreas de ação relevantes para as instituições públicas e não públicas e propõe uma ação ativa entre instituições, famílias e sociedade para apoiar a velhice que experimenta a deterioração progressiva das faculdades físicas e mentais.

Já o artigo “Considerações sobre serviços de *advocacy* para pessoas idosas no contexto de revitalização urbana”, baseado em uma recente pesquisa para a avaliação de um serviço de *advocacy* voltado para pessoas idosas, o Generation Project – no contexto de revitalização urbana no leste de Manchester, no Reino Unido –, analisa os serviços relacionados à acomodação e à questões sobre bem-estar social. O Generation Project foi organizado em dois campos de ação: o individual, centrado

principalmente na moradia, e o coletivo, centrado no bem-estar social. O artigo mostra como clientes e organizações afiliadas identificaram os benefícios psicossociais, de bem-estar social e dos serviços oferecidos pelo Generation Project, mas, ao mesmo tempo, mostra como os idosos obtiveram a percepção de situações de desamparo e frustração em outros contextos. Suas autoras sugerem que questões sobre confiança, dignidade e respeito foram fundamentais para efetivar uma aproximação entre as pessoas idosas e os fornecedores do serviço. E concluem que o *advocacy*, enquanto via para fortalecer os idosos, como articulado no contexto do Generation Project, exigiu determinação individual, esforço coletivo, compromisso organizacional e trabalho em conjunto.

Dentre os diversos transtornos que afetam os idosos, a depressão merece especial atenção, uma vez que apresenta prevalência elevada e conseqüências negativas para a qualidade de vida. Verificar as características das publicações indexadas nos últimos cinco anos que abordam os temas depressão, idosos e teste Wisconsin de classificação de cartas foi o objetivo da pesquisa intitulada “O desempenho de idosos com depressão no teste Wisconsin de Classificação de Cartas”. Seus autores sugerem que os resultados demonstram que quanto mais grave a depressão, maiores os prejuízos cognitivos no desempenho das tarefas no WCST.

O que o crescimento significativo da população de idosos pode dizer sobre as habilidades cognitivas? Um estudo transversal, realizado na cidade de Porto Alegre, RS, compara habilidades cognitivas, como atenção e fluência verbal, em idosas usuárias e não usuárias de benzodiazepínicos. Está relatado no artigo “Habilidades cognitivas em idosas institucionalizadas: estudo comparativo do desempenho de usuárias e não usuárias de benzodiazepínicos”. Segundo seus autores, os resultados apontam que não houve associação significativa entre uso de benzodiazepínicos e as habilidades cognitivas das idosas avaliadas.

E o que pode ser dito do sistema gustativo? Em “Alterações gustativas no envelhecimento” são discutidos alguns dos aspectos mais relevantes na literatura científica sobre o sistema gustativo, transmissão dos sinais gustativos e combinações dos sentidos, além de focar as alte-

rações gustativas no envelhecimento, tratamento paliativo e métodos para avaliação da percepção gustativa. Seus autores sugerem que é imprescindível atentar para as queixas dos idosos quanto às alterações gustativas, pois podem acarretar outras intercorrências na saúde e na qualidade de vida do idoso.

Por fim, em “Anais”, apresentamos uma série de resumos apresentados durante a X Semana de Gerontologia, que teve como objetivo propiciar elementos para reflexões e conhecimento da trajetória da Gerontologia e do Programa de Gerontologia da PUC-SP em dez anos de sua existência. Entre as temáticas, confirma-se a diversidade, singularidade e interdisciplinaridade que envolve os estudos sobre a velhice e o envelhecimento na perspectiva do ser que envelhece!

Beltrina Côrte

Suzana A. Rocha Medeiros